

MORRE-SE HÁ MUITO TEMPO SOBRE A TERRA. TOPOGRAFIA FUNERÁRIA E SOCIEDADE NO ALTO ALENTEJO EM ÉPOCA ROMANA

André CARNEIRO¹

RESUMO

O território do Alto Alentejo, que em traços gerais corresponde ao distrito de Portalegre, tem uma longa tradição na detecção e escavação de necrópoles de época romana. Embora a maior parte das intervenções não tenham sido devidamente publicadas, assinalam-se os pioneiros trabalhos de Abel Viana e António Dias de Deus na região de Elvas e as escavações promovidas por Manuel Heleno na envolvente de Torre de Palma, analisando-se ainda exemplos mais recentes (e integralmente publicados) de escavações na necrópole de Lage do Ouro (Crato), de Santo André e Monte dos Irmãos (Montargil) ou o caso de Outeiro do Mouro em Fronteira. Este conjunto de dados pode ser conjugado com as informações de pontos de povoamento em volta ou próximo dos espaços sepulcrais, de modo a criar uma leitura das relações entre os espaços de vida e os espaços de morte. Nesta perspectiva, a região do Alto Alentejo assume-se como um “laboratório” relevante para a compreensão da evolução topográfica dos espaços sepulcrais ao longo da diacronia, desde os momentos anteriores ao Império até à Antiguidade Tardia.

Palavra chave: Necrópole romana, Alto Alentejo.

1. Estudar o mundo funerário romano no Alto Alentejo: problemáticas gerais

A análise do mundo funerário romano debate-se com um problema originado por um paradoxo essencial: se no momento da deposição a campa tinha a função de relembrar o defunto, rememorando o seu nome, com o passar do tempo a situação foi-se alterando até hoje existir uma *invisibilidade* dos vestígios materiais, que na sua esmagadora maioria se encontram debaixo de terra, salvo alguns casos específicos que nos deixam antever a existência de mausoléus funerários de considerável ostentação que nunca foram identificados². Esta dificuldade de detecção no registo superficial cria constrangimentos severos à salvaguarda destes indicadores, o que suscita a *aleatoriedade* das

descobertas e a impreparação de algumas intervenções, que geralmente ocorrem após a destruição dos contextos. No quadro de estudos de análise territorial, cria também uma outra dificuldade originada pela *invisibilidade* do registo de superfície, visto que se torna complexa a correlação entre os espaços de vida e as necrópoles correspondentes, que geralmente não são identificadas, ou são confundidas com pequenos pontos de povoamento (porque geralmente ocorrem pequenas manchas de material de construção à superfície). Esta situação naturalmente impede uma correcta leitura da rede de ocupação do território e das relações topográficas entre o mundo dos vivos e o ambiente funerário. Finalmente, podemos considerar que origina ainda outra consequência: a ausência de uma *tradição de investigação* no território português, de uma especialização por parte dos intervenientes, visto que a escavação arqueológica de necrópoles romanas sempre esteve mais dependente de situações conjunturais originada em movimentos externos à actividade arqueológica, como em seguida se comentará.

2. Um breve olhar sobre a história da investigação

Estas situações conjunturais são originadas por duas causas: por um lado, fenómenos naturais que de modo inesperado põem a descoberto contextos funerários, como na necrópole de A-do-Rico, em Campo Maior: “Soubemos por um pastor, que há cerca de dez anos, *por motivo de uma grande chuvada*, as águas de um ribeiro, saindo do leito, rasgou o terreno, pondo a descoberto uma necrópole de incineração, de onde os pequenos pastores extraíram umas 200 vasilhas de barro, que passaram a servir de brinquedo de crianças.”³ Note-se o desfasamento entre o número de recipientes cerâmicos descobertos na sequência da intempérie, indicando uma necrópole de larga extensão, e as duas sepulturas que os autores tiveram a possibilidade de intervencionar no “resto desta necrópole”, da qual portanto ficou uma pálida amostra à disposição dos investigadores.

Outra situação ocorre por remeximentos de solos, seja na sequência de trabalhos agrícolas ou pela construção de obras públicas, geralmente de estradas e caminhos de acesso a propriedades. Na primeira situação explica-se o pico de descobertas que ocorreu nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX, momento da mecanização dos campos em que os tractores agrícolas começam pela primeira vez a lavrar em contextos mais profundos. No Alto Alentejo, um agente local estava atento a estas realidades: António Dias de Deus, que por iniciativa própria ou, mais tarde, em associação com Abel Viana, intervencionou alguns contextos funerários: “Dias de Deus não procura escavar aqui e além, onde quer que suponha haver, ou tenha a certeza de existirem antiguidades arqueológicas. Está atento às informações que recebe sobre o que o curso das lavouras vai descobrindo e ameaça destruir, assim como acode ao que

¹ CHAIA/UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ampc@uevora.pt

² É o caso de pelo menos duas situações concretas: o monumento funerário de *Iulius Maximilianus*, acto ervegético dedicado por um provável liberto de invejável poder financeiro (IRCP n.º 440; Carneiro, 2009-2010: XXII; Carneiro, 2011: vol. II, 09.16), ao qual se pode presumir que pertencesse um elemento escultórico bizarro, figurando um símio (Gonçalves, 2007: 450-451); e a grande placa funerária de jazigo da família *Preccia* proveniente de Quinta do Leão, Estremoz, (IRCP n.º 595a).

³ Deus, Louro e Viana, 1955: 574 (itálico da minha responsabilidade).

saiba estar em maior risco de breve desaparecimento. E não é só a lavra para as sementeiras o motivo destas intervenções, mas também o arranque de arvoredos, as surribas, a abertura de caboucos, o rasgo de caminhos novos ou o alargamento dos antigos⁴. Estando a detecção dos vestígios maioritariamente dependente de agentes não qualificados⁵, não pode surpreender o extravio ou destruição de dados que recorrentemente encontramos nos relatos feitos *a posteriori*, provocando uma outra *invisibilidade*: a da informação recolhida.

Desta forma, podemos também definir ciclos na detecção de necrópoles. Um primeiro momento ocorre nos finais do século XIX, derivado do “Fontismo”, com a construção das primeiras estradas de macadame, beneficiação de caminhos rurais e o rasgar da paisagem para a implementação das primeiras ferrovias. Infelizmente mal documentado, deixou mesmo assim alguns testemunhos na região, fruto do olhar atento de eruditos como António Thomaz Pires e Vitorino d’Almada, em Elvas⁶, sob a supervisão de José Leite de Vasconcellos, que ia mantendo relação epistolar com vários destes agentes locais.

Um segundo momento de intensa actividade centra-se na já referida entrada dos tractores agrícolas nos campos, correspondendo a um momento de mecanização das práticas de trabalhar a terra que ocorreu em meados do século XX. Além da descoberta de várias *villae* (como Torre de Palma, em Monforte), temos a intensa actividade de Dias de Deus, Abel Viana e Henrique Louro em torno das necrópoles de Elvas, Campo Maior e Vila Viçosa, que vão conseguir salvar, muitas vezes em condições difíceis, numerosos testemunhos da realidade funerária.

Segue-se outro prolongado silêncio, quebrado em 1973 com uma intervenção modelar que irá abrir caminho a vinte anos que marcam um ciclo notável, que conjuga intervenções de campo exemplarmente conduzidas e publicadas com artigos de síntese paradigmáticos para o estudo do mundo funerário alto-alentejano. Assim, entre 1973 e 1975 temos a escavação de Santo André (Ponte de Sôr), publicada de forma exaustiva em 1981 por José

Rosa Viegas, Jeannette Nolen e Luísa Ferrer Dias⁷. Segue-se entre 1982 e 1990 a intervenção na necrópole de Lage do Ouro (Crato) conduzida por Helena Frade e José Carlos Caetano, dada a conhecer de forma modelar em 1991⁸, de aí resultando um artigo de reflexão mais amplo em 1993⁹.

Na década de noventa, apesar de uma conjuntura promissora onde se destacam a criação do Instituto Português de Arqueologia e a integração de alguns arqueólogos na orgânica de autarquias da região, verificase contudo um estranho silêncio em torno do mundo funerário romano. É certo que alguns espaços sepulcrais foram identificados no decurso de estudos de território¹⁰ e que a partir de 2001 se iniciou uma intervenção arqueológica extensiva em Outeiro do Mouro (Fronteira)¹¹, mas os resultados dos últimos vinte anos, comparados com igual período anterior (1973-1993), são francamente contrastantes pela negativa, apesar do acréscimo de meios logísticos e humanos à disposição.

3. Metodologia de análise

Neste olhar geral sobre o mundo funerário no Alto Alentejo seleccionaram-se alguns *estudos de caso* com dois objectivos de análise:

- a) a evolução diacrónica das necrópoles;
- b) a relação espacial entre o(s) espaço(s) de vida e o(s) espaço(s) de morte.

Em ambos os casos podemos também definir dois aspectos que de forma evidente dificultam a leitura pretendida:

- a) Para a evolução diacrónica das necrópoles:
 - i) Raras vezes a área funerária foi integralmente escavada, pelo que geralmente não temos informação sobre os limites espaciais da necrópole;
 - ii) Insuficiente aferição cronológica dos espólios funerários, que impedem um balizamento rigoroso dos momentos de deposição funerária.
- b) entre o(s) espaço(s) de vida e o(s) espaço(s) de morte:
 - i) Poucas relações espaciais cruzam os dois ambientes;
 - ii) Escassas vezes foram escavados em simultâneo, pelo que se torna difícil lançar correspondência que permitam definir as simultaneidades de ocupação.

⁴ Viana, 1956: 7.

⁵ E também dependente do calendário e dos ciclos agrícolas, nem sempre compatíveis com a disponibilidade dos próprios arqueólogos. Veja-se a notícia referente à necrópole da Rouca (Alandroal): “Com respeito à última descoberta do Poeiras, foi o seguinte: Quando o filho do dito procedia à lavoura da sementeira do trigo, pareceu-lhe que o arado roçara por sobre as lageas, pelo que disse ao pae que trouxesse do Monte um enxadão para verificarem se seria sepultura, do que resultou descobrirem uma lagea, por baixo da qual havia um buraco bastante fundo, que o Poeiras disse não ter explorado por não demorar ou retardar o serviço da sementeira, exploração que agora só se poderá fazer depois de amadurecida e ceifada a dita seara de trigo, dizendo-me mais o Poeiras que logo um pouco mais acima tornou o arado a acusar nova campa ou cousa que o valha de que não fez caso. (Legado de José Leite de Vasconcellos, Correspondência – MNA, Doc. 13265 *In Rolo*, 2011: 31).

⁶ Almeida, 2000.

⁷ Viegas, Nolen e Dias, 1981.

⁸ Frade e Caetano, 1991, dando sequência a uma primeira notícia em 1987.

⁹ Frade e Caetano, 1993.

¹⁰ Almeida, 2000; Carneiro, 2004.

¹¹ Escavação que decorreu em 2001 e entre 2007 e 2011 e cujos resultados estão em estudo, tendo sido divulgados de forma sumária em Carneiro, 2011: 217-218 (Vol. II).

Apesar destas limitações, tentaremos mesmo assim lançar um olhar sobre a topografia funerária do Alto Alentejo, escolhendo alguns exemplos paradigmáticos.

4. Evolução diacrónica e topografia das *loci sepulturae*

4.1. As *necrópoles-satélite de Torre de Palma (Monforte)*¹²

Na Freguesia de Vaiamonte (concelho de Monforte) a identificação da *villa* de Torre de Palma, em 1947, motivou a presença na localidade de um funcionário do Museu Nacional de Arqueologia que durante alguns anos promoveu a realização de escavações extensivas naquele sítio e em outros que entretanto foram sendo identificados no decurso de trabalhos agrícolas. Todavia, por várias vicissitudes, os resultados obtidos só foram dados a conhecer de forma parcelar, encontrando-se fora do conhecimento público e unicamente contidos em cadernos de campo e documentação guardada no Museu Nacional de Arqueologia.

O primeiro destes locais é **Curral de Sampão**, originalmente identificado por José Leite de Vasconcellos, que dele nos deixou uma breve menção¹³. Com a deslocação de efectivos do Museu para Vaiamonte, iniciam-se escavações só conhecidas por duas notas sumárias¹⁴. A partir destes fragmentados elementos, apenas a consulta dos apontamentos de campo em depósito no Museu Nacional de Arqueologia nos esclarece sobre o desenvolvimento dos trabalhos e seus resultados. Assim, a documentação existente é constituída por referências em cartas de João Lino da Silva dirigidas a Manuel Heleno, que apontam para a realização dos trabalhos de campo em 1964: “comecei os serviços no dia 17 [de Agosto], estou fazendo escavação no cemitério de Sampão conforme as instruções de V. Exa.”

O desenrolar dos trabalhos é descrito da seguinte forma: “já encontrei quatro sepulturas e também já as explorei; só numa delas é que encontrei uma fíbula visigótica e um pequeno ferro do feitio de cunha; os ossos não os posso aproveitar porque apareceram todos desfeitos juntamente com as terras” (João Lino da Silva, carta de 25/VIII/1964);

“já encontrei mais três sepulturas, nestas não encontrei espólio, tenho a impressão [*sic*] que, algumas sepulturas já

foram exploradas, ou então nunca serviram pelo motivo de encontrar dentro delas apenas terra limpa, [...] estou fazendo sondagens no lado das construções apareceu algumas, mas objectos ainda não encontrei” (João Lino da Silva, carta de 27/VIII/1964);

“continuo no cemitério do Sampão, aonde encontrei mais quatro sepulturas, mas não encontrei espólio; fora das sepulturas também é muito pobre, só encontrei uma pequena fíbula e dois pesos romanos (...). No sítio a onde encontrei as moedas no ano passado, fiz mais umas sondas e apareceram mais cinquenta.” (João Lino da Silva, carta de 31/VIII/1964).

Note-se ainda que do sítio conhece-se um tesouro com 377 moedas, recolhido em momento indeterminado¹⁵.

Em resumo, portanto, temos 11 sepulturas (com caixas de pedras feitas de lajes em cutelo) e de inumação (ossos) com “*os crânios do lado do Poente nas sepulturas*”¹⁶; 2 fíbulas *visigóticas*; tesouro de 377 moedas com cunhagem entre 276 e 287 encontrado em poço; e as referências a um peso (de tear?) e a sepulturas *no lado das construções* indicam-nos que a necrópole se instalou em meio a um ponto de povoamento pré-existente, talvez um casal agrícola ou até um sítio de maior relevância, dada a ocorrência do tesouro numismático. Note-se que a ausência de espólio cerâmico, a arquitectura funerária e a orientação dos crânios apontam para uma necrópole muito tardia, do século VI ou VII.

Nas proximidades foi intervencionado o local de **Monte do Pombal**, que apresentou realidades semelhantes. Também se conhecem apenas duas notícias sumárias e nada esclarecedoras¹⁷, embora o sítio tenha sido revisitado recentemente a propósito do espólio pré-histórico recolhido no interior das sepulturas, visto que elas se implantaram sobre um povoado de época muito anterior¹⁸. Manuel Heleno já conhecia o local a partir de uma visita anterior, e em 1949 dá instruções a João Lino da Silva para que avalie a situação¹⁹; em 1953 inicia-se a

¹⁵ Ruivo, 2008.

¹⁶ Caderno de campo de D. Fernando de Almeida 24.VI. 71; é difícil entender em que contexto surge esta nota do autor (que aparentemente visualizou evidências de terreno), visto que a necrópole foi tapada após a escavação de 1964 para que prosseguissem os trabalhos agrícolas (“o dono do terreno quer lavrar a terra [...] terei esta semana mandar tapar as sondas [...]”, informa João Lino da Silva no dia 31), como aliás era prática nos sítios de Vaiamonte. Relembre-se que Saavedra Machado, na nota atrás citada, mencionou “cerca de 20 sepulturas”.

¹⁷ “Também no monte de Pombal (...) encontrámos um cemitério visigótico, com fechos de cinturão e anéis, aberto numa povoação eneolítica (...). Uma boa armadilha para os arqueólogos, porque as primeiras sepulturas exploradas apresentavam os esqueletos dispostos à maneira medieval, mas continham um espólio eneolítico, lançado para dentro com a terra que encheu a cova” (Heleno, 1962: 314). “Também no Monte do Pombal (Vaiamonte) se estudou um cemitério visigótico (com fechos de cinturão, anéis, etc.), onde foram exploradas várias sepulturas da mesma época, as quais tinham sido abertas em terreno com uma indústria muito anterior (eneolítica);” (Machado, 1964: 120)

¹⁸ Boaventura, 2001.

¹⁹ [...] Sobre a notícia da sepultura, creio eu que deve ser uma que apareceu aqui perto da escavação, a uns trezentos metros, no sítio

¹² Ver figura 1.

¹³ Vasconcellos, 1927-1929: 200, onde lê: “No Curral de Sampão, a 2 quilómetros de Vaiamonte, para Sudeste, apareceu num poço antigo uma moeda de Graciano e tres ou quatro bilhas de barro que quebraram. Proximo do poço encontraram-se sepulturas feitas de pedras postas de cutelo, e dentro ossadas. Provavelmente sepulturas romanas.”

¹⁴ “Desde 1962, o director do Museu vem procedendo a sondagens no Sampão (Vaiamonte) onde apareceu um cemitério romano-visigótico com cerca de 20 sepulturas, dalgumas das quais foi exumado espólio de merecimento: contas, fíbulas, objectos metálicos, etc., ao dispôr da investigação.” (Machado, 1964: 119); “Foram exploradas algumas sepulturas visigóticas no sítio do Sapão, com peças únicas em Portugal.” (Heleno, 1962: 314, nota 1)

intervenção arqueológica, descrita de modo lacónico nos cadernos de campo, visto que os resultados foram abaixo das expectativas, e a recolha de espólio de diferentes épocas terá certamente confundido o responsável dos trabalhos²⁰.

Pela leitura dos dados de terreno vemos que no local foram encontradas 19 sepulturas de inumação contendo pelo menos 22 enterramentos, visto que uma tinha múltiplos crânios; também uma fíbula, um anel em ferro e um jarro de cerâmica foram encontrados. Se nada nos é dito sobre a arquitectura funerária ou a orientação, parece plausível situar este conjunto em torno ao século V ou VI.

Os dados mais complexos, contudo, são provenientes de **Torre de Palma**²¹, onde se implanta um complexo estrutural com uma basílica paleocristã e um baptistério anexas a uma *villa* com planta integralmente conhecida, cujos múltiplos componentes materiais e simbólicos fazem deste um dos locais arqueológicos portugueses referenciado internacionalmente. Sobre o mundo funerário, contudo, pouco ou nada se conhece, a tal ponto que os seus dados raramente são referidos na análise do sítio. E todavia, várias zonas tumulares foram intervencionadas, por diversos agentes (equipas do MNA e da University of Louisville, USA) embora nunca publicadas nem dadas a conhecer de forma mínima. Mais grave ainda, os diversos agentes não fizeram menção a alguns contextos funerários em cadernos de campo ou relatórios de escavação, verificando-se ainda que a segunda fase de trabalhos no sítio, a cargo da equipa

chamado Pombal, a onde V. Ex. à [sic] dois anos foi lá ver uma que apareceu; estive lá no Domingo mas já tinham dado cabo dela, e já estavam todas tapadas, enformei-me [sic] com o proprietário se tinha aparecido alguns objectos, disse-me que não, só tinham ossos; [...]” (Carta de João Lino da Silva, Maço 2 de 2/10/49). Da notícia deduz-se que Heleno viu uma sepultura e que o aparecimento de outra, entretanto destruída, motivou a visita de Lino da Silva e reacendeu o interesse pelo sítio.

²⁰ Enumerem-se os registos pelas entradas no diário de campo: Dia 6: “uma sepultura, comecei a explorar, a onde encontrei a ossada tudo destruído, e não encontrei qualquer objecto”; Dia 7: “uma sepultura, a onde encontrei deitado á cabeceira uma jarra, mas com as asas partidas”; Dia 8: “sepultura a onde apareceu dois crânios á cabeceira, um ao meio com um monte de ossos, e outro aos pés”; Dia 9: “sepultura, a onde apareceu a ossada completa”; Dia 10: “sepultura, a onde apareceu a ossada toda destruída”; Dia 12: “sepultura, a onde apareceu uma ponta de seta e um fragmento de peso de rede” [materiais do povoado pré-histórico]; Dia 13: “explorei outra sepultura a onde apareceu a ossada completa, mas não apareceu objectos”; Dia 14: “outra sepultura, a onde apareceu a ossada um pouco destruída”; Dia 15: “outra sepultura, apareceu a ossada toda destruída”; Dia 16: “outra sepultura, nesta apareceu a ossada toda destruída”; Dia 17: “explorei outra sepultura, não encontrei ossos”; Dia 19: “sepultura, a onde apareceu a ossada completa, não apareceu qualquer objecto”; Dia 20: “outra sepultura, a onde apareceu a ossada destruída”; Dia 21: “outra sepultura onde apareceu a ossada completa”; Dia 22: “outra sepultura, mas não encontrei ossada”. (Caderno de campo de 1 de Set. a 28 de Nov. de 1953 por João Lino da Silva). Em 1955 os trabalhos são retomados de modo pontual: Dia 13: “uma sepultura, depois de explorada, encontrei um anel de ferro”; Dia 15: “encontrei fragmentos de cerâmica, uma fíbula em ferro dentro de uma sepultura” (De 06 a 17 de Set. de 1955 por João Lino da Silva).

²¹ A informação deste sítio foi extensamente tratada em Wolfram, 2011: vol. II, p. 207-259, para a qual remeto o leitor.

americana, não tomou em consideração as pré-existências deixadas pelos trabalhos feitos pelo MNA, pelo que algumas sepulturas surgem duplicadas ou renomeadas, o que objectivamente complexifica muito a leitura da realidade. Por isso, talvez não espante que uma das mais consistentes fontes informativas seja afinal o trabalho de Thilo Ulbert, embora apenas centrado em aspectos particulares da localização topográfica das sepulturas, visto que o seu foco de interesse era outro.

Tendo em consideração estas premissas, tentemos organizar os dados existentes. Desde logo, saliente-se a existência de várias zonas funerárias, algo que tem sido raras vezes referido:

a) “cemitério ao pé das Ermidas” (norte), escavado em 1960 por Lino da Silva:

“(…) *Na própria villa de Torre de Palma, próximo da basílica, explorámos também um cemitério com sepulturas de incineração e inumação e abundante cerâmica.*”²²

b) cemitério junto e no interior da basílica:

“(…) *O tempo foi correndo e a villa foi-se reduzindo, mas o local do seu templo, que fora cristianizado, ocultava documentos preciosos sobre a permanência do culto cristão até ao séc. XIV: uma basílica de dupla abside, de tipo africano; sepulturas com fechos de cinturão visigóticos; um baptistério crucial da alta idade média; uma pia baptismal com reflexos bizantinos e finalmente uma grande igreja do séc. XIV (...)*”²³; [sepulturas] “*um pouco por toda a parte, dentro e fora das basílicas, excepto no baptistério*”²⁴.

c) cemitério sul: nunca referido por nenhum investigador...

Analisando mais em detalhe estes espaços, vemos que cada um apresenta também núcleos específicos, reflectindo a evolução da topografia funerária do local. Tentemos ordenar a informação:

a) No Cemitério Norte distinguem-se dois núcleos. O primeiro é o denominado cemitério “ao pé das ermidas”²⁵. Escavado em 1960 (Agosto), e reescavado pela equipa americana, só dispõe de uma planta esquemática. Foram encontradas pelo menos 22 sepulturas, quatro em edifício rectangular que poderia ser um mausoléu. Notam-se os escassos materiais: “algumas peças de cerâmica, duas urnas, duas fíbulas e duas moedas”²⁶, três jarros ou potes em 3 sepulturas. Na planta desenhada por Lino da Silva são visíveis ossos no interior de 16 das 22 sepulturas, mas nenhuma no interior da estrutura contem inumações; e algumas sepulturas são múltiplas: uma com 3, duas com 2 crânios, ou seja, 22 sepulturas com 25 enterramentos, pelo menos. Em resumo, portanto, um

²² Heleno, 1962, p. 314, nota 1.

²³ Heleno, 1962, p. 337.

²⁴ Almeida, 1972-1974, p. 108

²⁵ Figura 2.

²⁶ Carta de 18.08.1960 de João Lino da Silva.

conjunto de 18 + 4 sepulturas de diferentes épocas, com distintas orientações e conteúdos, podendo quatro pertencer a um mausoléu alto-imperial e as restantes a um período heterogéneo entre o século III e V.

b) Nomeia-se também um Cemitério “ao pé da estrada” escavado em Setembro de 1960: “(...) sepultura de incineração; dentro dela encontrei as seguintes peças: 6 taças de cerâmica de terra sigillata, algumas com marcas, uma peça inteira de vidro, de feitio de garrafa e 6 peças de cerâmica vulgar.²⁷” Nos dias seguintes mais sepulturas são escavadas, mas sem qualquer descrição. Em momento posterior, na década de 70, D. Fernando de Almeida descobriu duas sepulturas: uma rectangular e de paredes de tijoleiras, que continha ossos, outra com *tegula* à cabeceira. Temos assim duas realidades: uma necrópole de incineração do século I, com variado espólio em cada sepultura, e com número indeterminado de enterramentos, e duas sepulturas tardias de inumação sem espólio noticiado.

b) O espaço de mais difícil leitura é o interior e envolvente da basílica. Porque diversos actores o escavaram e por ser um espaço que condensa múltiplas ocupações. Pela impossibilidade de seguir uma contagem definida, notem-se alguns indicadores:

i) Uma sepultura em sarcófago na ábside 2, orientada N/S, contendo um cadeado: pela posição central, alguém de prestígio? Seria uma sepultura romana, respeitada na construção do templo cristão?

ii) Fernando de Almeida afirma no seu Caderno (p. 33) que foi encontrada uma fivela de cinturão visigótica numa sepultura na nave norte da basílica oriental;

iii) 4 sepulturas no interior da antiga ermida de S. Domingos²⁸;

iv) Quase todas as sepulturas seguem as paredes da basílica, pelo que são contemporâneas ou pouco posteriores...

v) As escavações da equipa americana (1983-1984) identificam fundações de um edifício anterior, interpretado como um mausoléu;

vi) No estudo de Thilo Ulbert sobre as basílicas de dupla ábside na Península Ibérica o autor diferencia duas fases: a que designa de grupo I, com sepulturas tardias, pouco profundas (*Hochgräber*), abertas no chão da basílica/baptistério após o seu abandono e alinhadas com as paredes (15, mais uma no baptistério, e algumas com material espoliado da *villa*); e o grupo II, de sepulturas sob o pavimento da segunda fase da basílica (oito no total) e sob o pavimento do baptistério (duas).

Portanto, e em resumo, na basílica e baptistério estão três espaços sepulcrais: um anterior à construção do edifício, em época imperial; um contemporâneo da vivencialidade religiosa do edifício, com sepulturas respeitando as orientações do edificado; e um posterior, logo após o abandono da basílica.

c) Finalmente, temos o designado cemitério Sul²⁹. Desde logo note-se que, mais uma vez, temos estruturas prévias

às sepulturas: três salas fechadas com piso de “formigão” (*opus signinum*) e uma lareira em tijoleira. Em momento posterior instalam-se 15 sepulturas rectangulares (de acordo com o desenho de Lino da Silva) e mais 6 detectadas pela equipa americana. No primeiro caso distinguem-se as sepulturas que seguem do lado de “fora” dos muros, isto é, a Sul, e cuja orientação é de tipo N-S ou com pequenas variações (NO-SE, NE-SO), e as três sepulturas, de orientação E-O, que cortam as paredes das três salas. Portanto, na zona sul da basílica estão novamente dois espaços sepulcrais: um de época tardia (Séc. V?), em edifício abandonado mas com estruturas visíveis, visto que as sepulturas respeitam a orientação dos muros visíveis; e um com três sepulturas sobre edifício de memória perdida, visto que rasgam os muros (Época islâmica? Ou contemporâneo da Ermida de S. Domingos, no séc. XIV?).

Em balanço final³⁰ nota-se em Torre de Palma a manutenção de uma *memória funerária* que polariza consecutivamente a tumulação dos diversos agentes que povoam o espaço. Mesmo que algumas estruturas, mal caracterizadas e nunca descritas, que foram encontradas em parte da necrópole, possam pertencer a um edifício anterior, existe uma *barreira espacial* com o complexo residencial que se vai ampliando na margem oposta da pequena linha de água que atravessa o local. Com o cristianismo constroem-se estruturas de culto – basílica(s) e baptistério(s) - que continuam a funcionar como espaço de atractividade das tumulações, e que mesmo após a Reconquista congregam os enterramentos de distintas gentes. No território em volta também se tumulam pessoas, eventualmente sobre estruturas alto-imperiais, como poderá ter sucedido em Cural de Sampão.

4.2. A necropolização contínua de Chaminé e a relação com a villa de Carrão (Elvas)³¹

Sensivelmente na mesma época das escavações em Torre de Palma foram intervencionados em simultâneo um espaço residencial e funerário no actual concelho de Elvas. Apesar da proximidade a poucas centenas de metros, apenas com um caminho de terra batida de permeio, são conhecidos por topónimos distintos: a *villa* de Carrão e o conjunto sepulcral de Chaminé, porque na verdade trata-se, não de uma, mas de distintas necrópoles onde ao longo de um milénio numerosas gentes se foram tumulando. O processo de escavação arqueológica foi conturbado, dada a *intromissão* de Manuel Heleno na intervenção³² e, se o conjunto de Chaminé foi alvo de algumas descrições, essencialmente *a posteriori* por Abel Viana, verifica-se que os dados das escavações não foram

³⁰ Figura 4 e Figura 5.

³¹ Figura 6.

³² Heleno, 1951. Note-se que o autor afirma que “Fizemos um reconhecimento no campo de urnas da Chaminé (Vila Fernando), cuja exploração iniciada por Dias de Deus, pensamos continuar; [...]” (Heleno, 1956: 231), situação que nunca se verificou.

²⁷ Caderno de campo de 28.09.1960 de João Lino da Silva.

²⁸ Segundo proposta de T. Ulbert (1978).

²⁹ Figura 3.

suficientemente avaliados pelos autores³³, em especial para o caso de Carrão, objecto de uma sintética notícia³⁴. Pela leitura do texto percebe-se que na parte residencial foram identificados distintos núcleos: um edifício largo e extenso, em patamares, com pelo menos seis pavimentos de mosaicos revestindo outras tantas salas; um edifício termal, também com três salas revestidas com mosaicos e um compartimento em ábside; e em outro ponto, uma possível *pars rustica*, com fundos de ânfora sobre um pavimento de tijolos quadrados, por baixo do qual existiria um canal de drenagem em tijoleira.

Quanto à(s) necrópole(s), temos a seguinte diacronia funerária:

a) Núcleo da Idade do Ferro com mais de 150 incinerações em urnas, “nos intervalos das covas”³⁵, isto é, das inumações posteriores;

b) Uma sepultura alto-imperial de incineração (referências a *ustrina*, podendo também tratar-se de uma sepultura em *busta*) com 14 peças cerâmicas, 1 vidro e 1 moeda (séc. I);

c + d) 25 sepulturas de inumação “orientadas de N. a S.”, estando duas a um nível inferior, “rectangulares e perfeitamente construídas”, e as restantes 23 de planta trapezoidal, “formadas por lajes ora de granito ora de xisto, e menos cuidadas na construção que as da camada de baixo”. Deste momento temos um relevante espólio com “vasilhas de barro, fragmentos de alfinetes de osso, muitas contas de colar, entre elas muitas de âmbar e dois médios bronzes do Baixo Império”³⁶;

e) 75 sepulturas de inumação orientadas E/W em decúbito dorsal com invólucro formado por lajes de xisto que “continham um ou mais esqueletos, colocados de lado. Somam-se contas amarelas, fivelas, anéis, um com SS, vários brincos e uma vasilha apenas”.

Note-se ainda que, apesar da extensão do conjunto funerário, a proibição decretada por Manuel Heleno de prosseguirem as escavações no local levou a que ficasse uma área de extensão indeterminada por intervencionar. Por isso Abel Viana, sobre a necrópole de urnas, afirma que dela “se escavou apenas uma pequena parte.”³⁷

Tendo em mente este contexto, organizemos a informação disponível:

- Uma extensa *villa*;
- Uma necrópole da Idade do Ferro com mais de 150 incinerações;
- Uma sepultura de incineração do séc. I d. C;

- 23 + 2 sepulturas de inumação do séc. II a IV;
- 75 sepulturas de inumação do século V ou VI.

Note-se a separação espacial da parte residencial e da parte funerária, separadas por uma linha de água. Mas destaque-se a extraordinária perduração do espaço sepulcral no tempo, com diferentes ritos e agentes, mas que mantêm uma constante tumulação no local enquanto *espaço de memória* e referencial geográfico. Este extraordinário arco diacrónico ultrapassa em muito – tal como em Torre de Palma – a vivência na própria *villa*.

5. A relação espacial entre o(s) espaço(s) de vida e o(s) espaço(s) de morte

Em algumas ocasiões verificaram-se acções de escavação e prospecção que permitiram relacionar espacialmente as áreas funerárias e residenciais. Curiosamente, estas situações ocorreram nos denominados *territórios periféricos* na malha de povoamento romano do Alto Alentejo³⁸. Vejamos os casos recenseados.

5.1. Santo André e Monte dos Irmãos (Ponte de Sôr³⁹)

No concelho de Ponte de Sôr temos duas situações similares, configurando uma relação entre os espaços de vida e de morte. Curiosamente, ambas encontram-se espacialmente próximas, na faixa sul deste território (freguesia de Montargil), organizadas próximo da mesma linha de água, e em zona onde existem notícias vagas sobre outros sítios romanos, infelizmente difíceis de localizar actualmente devido ao moderno uso do solo, que inclusivamente está em grande parte submerso pela barragem de Montargil ou por arrozais confinantes.

Na necrópole de **Santo André** decorreu uma intervenção arqueológica modelar⁴⁰, que permitiu definir uma área tumular de grande extensão, com sessenta sepulturas. De cronologia muito homogénea – segunda metade do séc. I d.C. e primeira metade do II – e de espólio bastante rico e diversificado colocado cuidadosamente, apresentava uma grande variedade de arquitecturas tumulares que enquadravam as incinerações. Verifica-se assim que se trata de uma necrópole de uma comunidade numerosa, de elevado poder aquisitivo (destacando-se um par de brincos em ouro), deixando em aberto a possibilidade de pertencerem, afinal, a um ponto de povoamento de maiores dimensões do que aqueles que em seguida se apresentam. Isto porque os sítios na envolvente, detectados em prospecção, afiguram-se como relativamente modestos: em Santo André 1 e 2 os vestígios de superfície apontam para pequenos casais, de

³³ O conjunto informativo foi alvo de uma análise recente, efectuada por Carlos Fabião, 1998: 369-385.

³⁴ Viana, 1950.

³⁵ Viana, 1950: 308.

³⁶ Deus, Louro e Viana, 1955: 569.

³⁷ Viana e Deus, 1950: 67.

³⁸ Carneiro, 2011.

³⁹ Carneiro, 2011: 15.13 (Santo André 1, casal), 15.14 (Santo André, necrópole), 15.15 (Santo André 2, casal); e 15.16 (Monte dos Irmãos, necrópole), 15.17 (S. Martinho de Baixo 2, casal) e 15.18 (S. Martinho de Baixo 1, casal). Dados de prospecção retirados a partir de PONTIS, 1999. Ver figura 7.

⁴⁰ Viegas, Nolen e Ferrer Dias: 1981.

vocação agro-pecuária (uma mó de farinhação em Santo André 1) e com implantação no topo de elevações suaves, denotando a preocupação de controlar visualmente os territórios em volta (talvez para pastoreio), bem distante, afinal, das escolhas que presidem à inserção na paisagem das *villae* no Alto Alentejo⁴¹. Teríamos assim dois casais rústicos orbitando em torno da necrópole, deixando-se em aberto a possibilidade de estar por detectar um sítio de maiores dimensões.

Para este território existe um outro exemplo similar, em **Monte dos Irmãos**. Embora só tenha sido escavada uma sepultura de incineração⁴², antigas doações de materiais a José Leite de Vasconcelos⁴³ deixam antever a hipótese de esta necrópole ter tido alguma dimensão espacial e de albergar pessoas de grande capacidade aquisitiva⁴⁴. Quantos aos pontos de povoamento em torno, embora seja difícil de harmonizar a informação de trabalhos antigos com prospecções recentes, verifica-se que pelo menos dois sítios foram reconhecidos: S. Martinho de Baixo 1 e 2, este com escória e o primeiro com um peso de tear (ou seja, indicadores de actividade produtivos) que se somam às habituais áreas de dispersão de cerâmica comum e de construção, configurando unidades de exploração agro-pecuária de média dimensão. Note-se que ainda um sítio denominado S. Martinho, está dado como destruído pelas terraplanagens para a plantação de arroz⁴⁵ e não é localizável no terreno.

Portanto, e à semelhança dos sítios anteriores, uma situação na qual vemos como em torno do local de enterramento orbitam dois ou três pontos de povoamento de dimensão intermédia, inseridos na categoria de sítios habitualmente designados como casais de vocação agro-pecuária. Resta perceber se o contraste entre a riqueza do espólio funerário e os poucos indicadores de superfície dos sítios de habitação não reflecte, afinal, a existência de uma *villa* de maiores dimensões ainda não detectada nas imediações.

5.2. Os sítios em torno de Outeiro do Mouro (Fronteira)⁴⁶

Identificada em 1999 nos trabalhos de prospecção da carta arqueológica concelhia, desde 2001 iniciaram-se trabalhos de escavação de emergência na necrópole

romana de **Outeiro do Mouro 2**⁴⁷. Os resultados desta intervenção plurianual que findou em 2011 ainda estão a ser avaliados, dada a complexidade da análise que implicam, natural em sítio que sofreu extensos revolvimentos de solo em fase anterior à intervenção arqueológica devido aos trabalhos agrícolas que se preparavam. Todavia, os dados preliminares indicam a existência de cerca de trinta sepulturas de incineração, embora seja por vezes difícil distinguir as deposições funerárias de meros cinzeiros sem esquirolas de osso e, inversamente, de deposições de peças isoladas e aparentemente sem relação espacial com enterramentos. Somam-se ainda duas sepulturas de inumação, espacialmente distantes, (porque no topo do outeiro), enquanto o núcleo principal se espalha pela encosta de uma suave elevação, actualmente cortada por uma estrada de alcatrão. Registe-se ainda que a ocupação do local baliza-se entre a segunda metade do século I d.C. e a primeira metade do seguinte, ficando por esclarecer as duas tumulações tardias, onde o espólio se resume a uma bilha de cerâmica que pode pertencer ao século V ou VI. A orientação este/oeste destas duas caixas de pedra, com lajes fincadas ao alto, também pode advogar uma datação desta época, embora no seu interior não se tivesse encontrado qualquer vestígio osteológico. Finalmente, de referir que o espólio entregue às tumulações imperiais é relativamente modesto, rareando os exemplares de cerâmica de importação (a terra sigillata, por exemplo, é unicamente de fabrico hispânico e com morfotipos pouco variados), com presenças pontuais de moedas e lucernas, e com alguns artefactos metálicos que fazem presumir tratar-se de uma comunidade empenhada na exploração agro-pecuária dos territórios envolventes e de modesta capacidade aquisitiva.

Paralelamente às campanhas de escavações tem sido desenvolvido um intenso programa de prospecções em torno do sítio arqueológico. Um primeiro ponto de povoamento havia sido identificado logo no momento de detecção do espaço funerário, e foi também intervencionado em 2001 após os primeiros trabalhos de preparação para o plantio de vinha, conjuntamente com a necrópole, da qual dista não mais de trezentos metros. Assim, em **Outeiro do Mouro 1** escavou-se uma pequena área de 3x3m, colocando em evidência uma esquina de um compartimento, com muros de alvenaria muito grosseira e imperfeitamente colocada, verificando-se ainda um pavimento em terra batida simples. Os materiais recolhidos, contudo, eram interessantes, consistindo em fragmentos de peças de terra sigillata hispânica e de cerâmica de paredes finas de fabrico emeritense, com óbvios paralelos nos conjuntos identificados nas sepulturas próximas. Os resultados da escavação e das prospecções feitas na altura (onde se destaca a recolha de cinco pesos de tear) permitiram que

⁴¹ Para considerações mais aprofundadas, ver Carneiro, 2011: vol. I, p. 78-85.

⁴² Nolen, 1981.

⁴³ 1910: 251.

⁴⁴ Seis recipientes cerâmicos e uma fíbula em omega doados a Leite de Vasconcelos. No espólio da sepultura identificada em escavação destaca-se a recolha de uma lucerna (embrulhada em pano de linho), situação curiosa se pensarmos na altíssima percentagem de objectos desta família encontrados em Santo André, onde 52% das sepulturas continham lucernas, contrastando com a média de 10% conhecida para a região.

⁴⁵ Carneiro, 2011: 15.19. Foram identificados elementos dispersos de materiais de construção, referindo-se unicamente *tegulae*.

⁴⁶ Figura 8.

⁴⁷ O local foi inicialmente baptizado de Talha de Baixo, mas posteriormente adoptou-se o microtopónimo específico do ponto de implantação, até pelas ressonâncias mito-históricas que possui. Além do mais, Talha de Baixo refere-se a uma herdade com a qual o sítio não tem qualquer relação espacial ou histórica. Vejam-se referências em Carneiro, 2004; 2005; e 2011. Ver figura 9.

o local fosse interpretado como um casal agrícola de vocação agro-pecuária e que, apesar do espólio de algum relevo, teria pouca expressão arquitectónica e modesta área de ocupação.

Outros pontos de povoamento foram progressivamente identificados. A norte, com contacto visual com a necrópole e dela separada por uma pequena linha de água, foi identificado **Barrocal**, com uma área de dispersão de cerâmica de construção e uma mó para farinação. Pelas reduzidas dimensões (200 m²) e monotonia do registo cerâmico de superfície, deverá tratar-se de um pequeno sítio ou um ponto de apoio a actividades de cariz agrícola, até por se situar junto a uma fértil várzea.

Na elevação fronteira a Outeiro do Mouro 1 encontra-se o ponto de povoamento de **Talha de Baixo**, recentemente identificado. A informação oral que apontava para o achado de argamassas aquando de trabalhos agrícolas foi confirmada com a identificação de restos de *opus signinum*, que aliás se concentram em zona plana de plataforma, um pouco abaixo do topo e desfrutando de magnífico alcance visual. Os vestígios de superfície, contudo, são modestos: uma área de 500m² onde apenas se encontra cerâmica de construção muito grosseira, pedras argamassadas e alguma cerâmica comum. Desta forma, poderemos pensar na presença de uma pequena unidade relacionada com o pastoreio e o controlo de gado, dispondo de uma estrutura de contenção de água, a julgar pelos blocos de *opus signinum*.

Completando este arco de sítios temos a sul o ponto de povoamento de **Amendoeira**, a cerca de quinhentos metros, mas já em ambiente fisiográfico diferente, pois trata-se de uma zona de relevos suaves e ondulados, com linha de água de permeio. Ao longo de cerca de 1000 m² temos indicadores de superfície compostos por cerâmica de construção, fragmentos de *dolium* e de grandes contentores de cerâmica comum, três fragmentos de terra sigillata hispânica, e quatro pesos de tear, um deles de pequenas dimensões. Como no local anterior, notam-se blocos de pedra argamassada indicando estruturas no subsolo. De qualquer modo, embora um pouco mais amplos, continuamos a ter o registo dos sítios anteriores: uma área de dispersão de vestígios pouco significativa, com elementos pouco variados, assentes sobretudo nos fabricos de âmbito regional, fracas competências técnicas (cerâmica de construção imperfeita e com pastas grosseiras) e presença de materiais relacionados com actividades agro-pecuárias e de transformação de matérias-primas obtidas localmente. Dados compagináveis com os obtidos na escavação do espaço sepulcral, onde o quadro da cultura material aponta para uma comunidade fortemente vinculada à exploração dos recursos agro-pecuários da envolvente e com baixos índices aquisitivos.

Temos assim um modelo de povoamento disperso, com sítios orbitando em torno de uma necrópole que parece funcionar como referente identitário comum, sobretudo se tivermos em consideração as similitudes das culturas

materiais visíveis nos diversos locais. Se as evidências de superfície apontam para um *ar de família* comum, nota-se também a existência de *um mesmo tempo* para os diversos sítios, se tivermos em consideração os (poucos) materiais datantes encontrados em cada um, que apresentam indiscutíveis similaridades. Sendo assim, mais se reforça o modelo de *vários povoados = uma necrópole* que parece ter existido neste *território periférico* que, se não está distante dos eixos de circulação - a presumida via XIV encontra-se no domínio visual - o parece estar do ponto de vista da inserção nos circuitos de abastecimento e no quadro de povoamento das *villae*. Sendo assim, Outeiro do Mouro 2 poderia funcionar como o epicentro tumular de vários pequenos sítios e de casais agrícolas que se implantam na envolvente em todas as direcções possíveis, dos quais a necrópole seria o referente comum.

6. Em resumo: algumas leituras espaciais e diacrónicas

Lançando um olhar geral sobre as tendências de distribuição espacial das relações entre pontos de vida e locais de morte, estabelecem-se alguns eixos que poderão ser significativos para o entendimento das redes de povoamento romano no Alto Alentejo.

Assim, temos:

a) a evolução diacrónica das necrópoles

Na relação entre *villae* e necrópoles parece observar-se uma topografia funerária estável, sem grandes oscilações, com frequentes episódios de sobreposição de espaços tumulares (uma *estratigrafia vertical* do espaço funerário, como em Torre de Palma) ou de necrópoles que vão alastrando ao longo da diacronia (uma *estratigrafia horizontal*, como poderá ter sido o caso de alguns momentos em Chaminé). Portanto, a uma relativa estabilidade na presença humana em *villae* parece corresponder uma situação idêntica – mesmo se com oscilações – nos locais funerários, que inclusivamente ultrapassam os primeiros. Todavia, em momentos tardios existe uma propensão à *invasão* de estruturas de vida ou antigos *lugares de memória*, entretanto desfuncionalizados, como em Torre de Palma, Sampão, Chaminé ou, em outros exemplos no Alto Alentejo, como Silveirona, Pombais, Padrãozinho, etc. Esta estabilidade vê-se também no modo como as necrópoles tardias reaproveitam materiais – nomeadamente, epígrafes – dos primeiros espaços sepulcrais, como em Silveirona, Camagem e Padrãozinho.

No caso das necrópoles instaladas em *territórios periféricos*, parece existir uma estabilidade reforçada no espaço sepulcral, que funciona como o referente geográfico de sítios que orbitam na sua envolvente. A necrópole vai alastrando, ganhando uma espacialidade que se reforça e que estrutura a micro-rede de povoamento envolvente, e que permanece estável ao longo do tempo, embora nestes casos a diacronia

funerária pareça ser curta (e sobre a dos espaços de vida poucos indicadores existem...).

b) a relação espacial entre o(s) espaço(s) de vida e o(s) espaço(s) de morte

As *villae* funcionam como referente espacial da necrópole, que se mantém estável na implantação topográfica, quer na ampliação, quer na sobreposição. Existe portanto uma relação de face entre o espaço de vida e o mundo funerário, com uma quebra de permeio (geralmente uma linha de água), que a evolução das tumulações respeita e não afecta. Espaço de vida e espaço de morte confrontam-se, e mesmo quando o primeiro é abandonado, verifica-se uma estabilidade no segundo – embora, note-se, esta situação deva ser analisada com atenção, pois existem necrópoles que se implantam sobre estruturas abandonadas, e neste caso não sabemos *de quê* (uma antiga *pars rustica*? Um primeiro ponto de povoamento?)

Nos *territórios periféricos* a necrópole organiza os *sítios-satélites* em seu torno. Nestes casos a relação espacial é mais fluida, embora se mantenha sempre o contacto visual entre os espaços de vida e de morte. Contudo, os pequenos sítios espalham-se pela paisagem a diferentes cotas e em diversas topografias, enquanto o espaço da necrópole parece ganhar uma relevância visual maior, servindo de agregador dos sítios em volta.

*

Surgem assim linhas de leitura que deverão ser testadas pela investigação futura: as *villae* estão de face com as necrópoles, que de algum modo parecem funcionar como elementos estabilizadores da ocupação da paisagem; nos espaços mais periféricos, o papel do espaço sepulcral como *referente identitário* parece reforçar-se.

Poder-se-á dizer que estes fios de raciocínio são temerários face ao estado quase incipiente da investigação, que ainda não assume uma consistência desejável para que se estabeleçam leituras mais sólidas. Sobretudo do ponto de vista diacrónico, mais do que na relação espacial, faltam dados de leitura que correlacionem o espaço dos vivos com o dos mortos. Mas os dados existentes já permitem uma primeira abordagem, mesmo que com bases frágeis e sujeita a muitas revisões posteriores. Que seja assim, que se avance de forma determinada na percepção do modo como em época romana se estruturava a paisagem rural, e onde os vivos depositavam os seus mortos.

7. Bibliografia

Almeida, Fernando de (1972-1974), Torre de Palma (Portugal). A basílica paleocristã e visigótica. *Archivo Español de Arqueología*, vol. 45-47, nº 125-130, p. 103-112.

Almeida, Maria José de (2000), *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [policopiado].

Boaventura, Rui (2001) *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

Carneiro, André (2004), *Povoamento romano no concelho de Fronteira*. Câmara Municipal de Fronteira/Câmara Municipal de Cascais/Edições Colibri.

(2005) *Carta arqueológica do concelho de Fronteira*. Câmara Municipal de Fronteira/Edições Colibri.

(2009-2010), A cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana: uma leitura de conjunto. *Hispania Antiqua* nº 33-34, p. 237-272.

(2011), *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora [policopiado].

Deus, António Dias de; Louro, Henrique da Silva & Viana, Abel (1955), Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Elvas (Portugal). *III Congresso Arqueológico Nacional (Galicia 1953)*. Zaragoza, p. 568-578.

Fabião, Carlos (1998), *O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa em 1999 [Policopiado].

Frade, Helena & Caetano, José Carlos (1987), A necrópole romana da Lage do Ouro. Primeiros resultados. *Actas das Ias Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, p. 133-143.

(1991), A necrópole romana da Lage do Ouro: novos elementos. *Conímbriga* XXX, p. 39-57.

(1993), Ritos funerários romanos no nordeste alentejano. *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p.847-873.

Gonçalves, Luís Jorge (2007), *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*. (Studia Lusitana 2) 2 vols., Merida, MNAR.

Heleno, Manuel (1951), Arqueologia de Elvas. Notícia preliminar. *O Arqueólogo Português*, Série II, nº 1, p. 83-94.

(1956), Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*, Série II, nº 3, p. 221-237.

(1962), A *villa* lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte). *O Arqueólogo Português*, Série II, nº 4, p. 313-338.

IRCP: Encarnação, José d' (1984), *Inscrições Romanas do Conuentus Pacencis*. Coimbra, IAFLUC.

Machado, João Saavedra (1964), Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*, Série II nº 5, Lisboa, p. 51-448.

Nolen, Jeannette U. Smit (1981) A grave group from Monte dos Irmãos (Montargil). *Conímbriga* XX, p. 181 – 192.

Pontes, Grupo de Estudos Arqueológicos de Ponte de Sôr (1999), *Carta Arqueológica de Ponte de Sôr*. Ponte de Sôr, Câmara Municipal de Ponte de Sôr.

Rolo, Mónica (2010) - A necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora). Dissertação de Mestrado em

Arqueologia apresentada na FLUL, 2 volumes [policopiado]

Ruivo, José (2008), *Circulação monetária na Lusitânia do século III*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto [policopiado].

Ulbert, Thilo (1978) – *Frühchristliche Basiliken mit Doppelapsiden auf der Iberischen Halbinsel. Studien zur Architektur - und Liturgiegeschichte*. Berlin.

Wolfram, Mélanie (2011) - *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no Sul da Lusitânia. Arqueologia - Arquitectura - Epigrafia*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à FLUL/Univ. Sorbonne - Paris IV, 3 vols. [policopiado].

Vasconcellos, José Leite de (1910), Chronica. Excursão archeológica. - Excavações. – Acquisições. *O Archeologo Portugues*. Série I, p. 247-252.

(1927-1929), Antiguidades do Alentejo. *O Archeologo Portugues*, XXVIII, p. 158-200.

Viana, Abel (1950), Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etimologia*, Vol.12 (3-4), p. 289-322.

(1956), *Algumas notas sobre António Dias de Deus e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas*. Beja, Minerva Comercial.

Viana, Abel & Deus, António Dias de (1950), Explorações de algumas necrópoles celtico-romanas do Concelho de Elvas. *XIII Congresso Luso-espanhol Para o Progresso das Ciências: 7ª secção – Ciências Históricas e Filosóficas*, Tomo VIII, Lisboa, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 67-74.

Viegas, João Rosa; Nolen, Jeannete U. Smit & Ferrer Dias, Maria Luísa (1981), *A Necrópole de Santo André*. Coimbra, IAFLUC (Separata de *Conímbriga* Vol. XX).

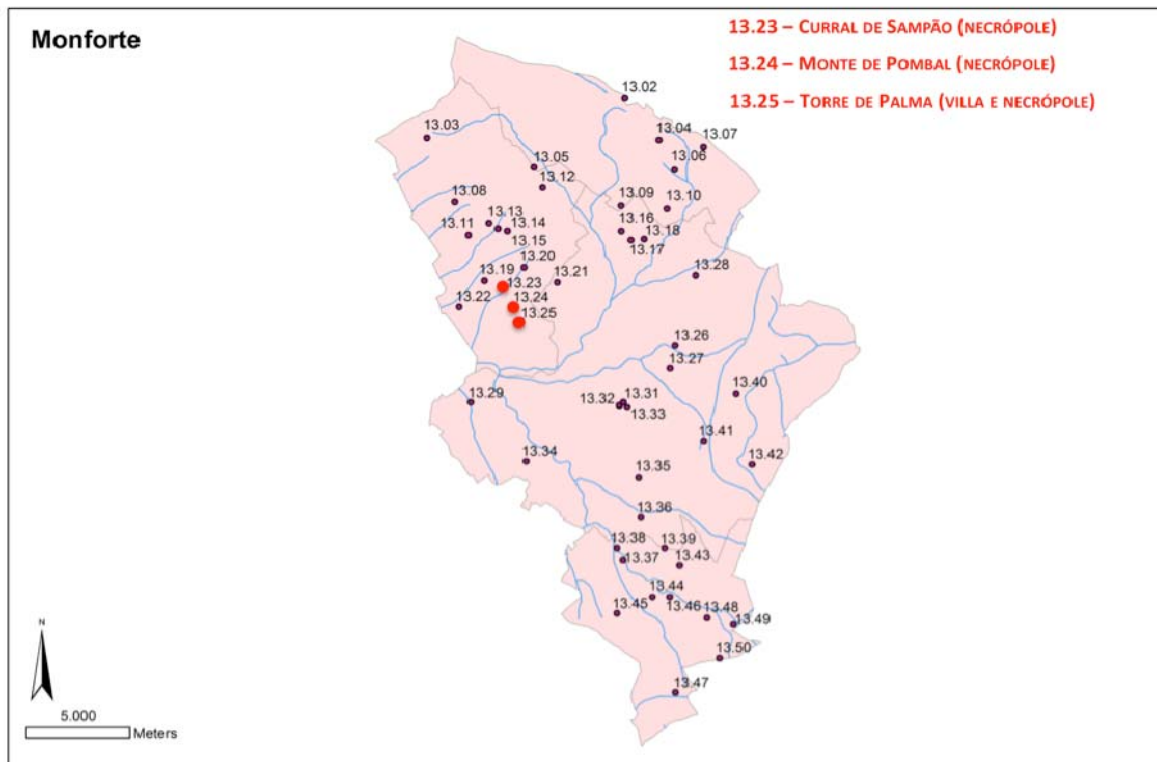


Figura 1 - Sítios arqueológicos romanos na freguesia de Vaiafonte referidos neste estudo (a partir de Carneiro, 2011: vol. I, p. 287)

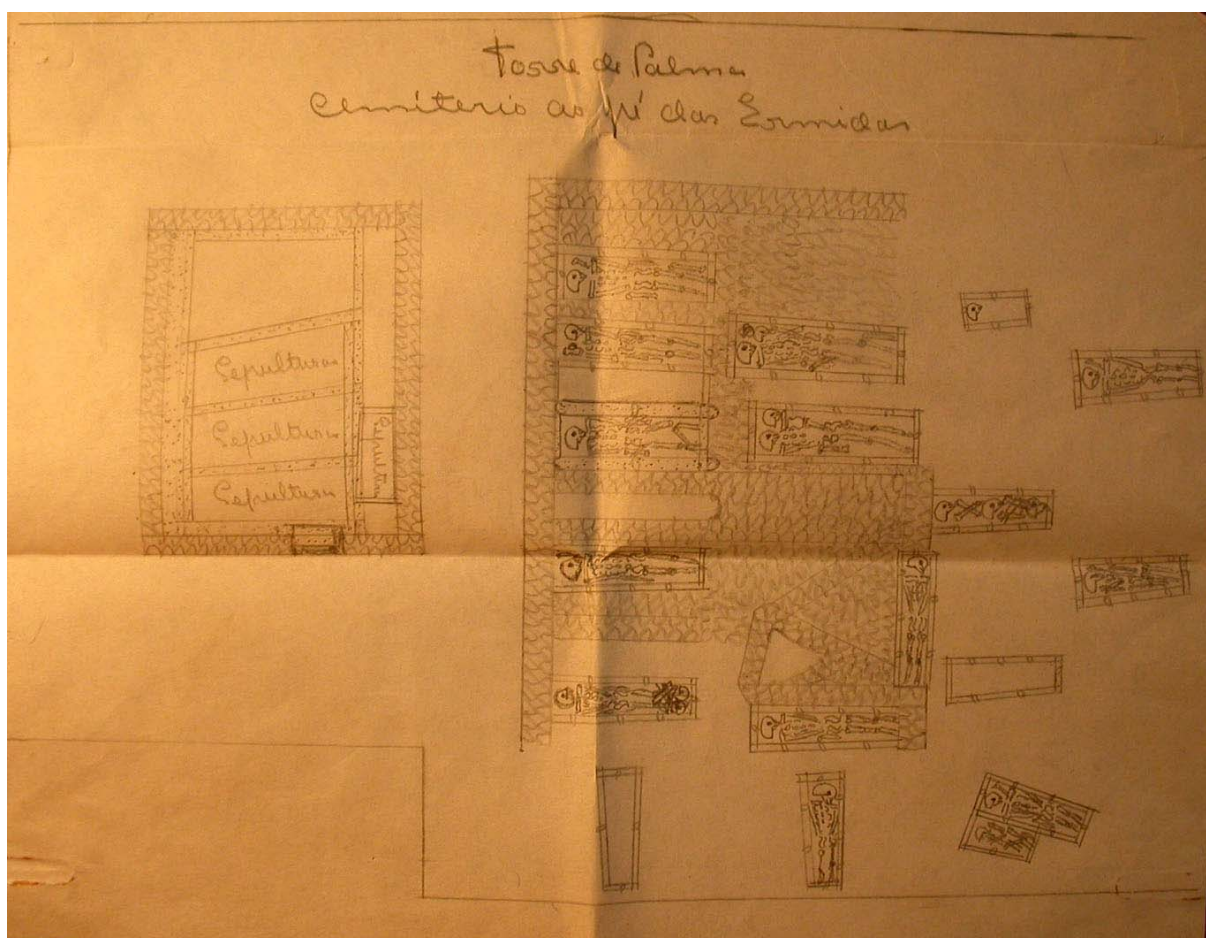


Figura 2 - Cemitério Norte em desenho de João Lino da Silva, guardado no Museu Nacional de Arqueologia (1953)

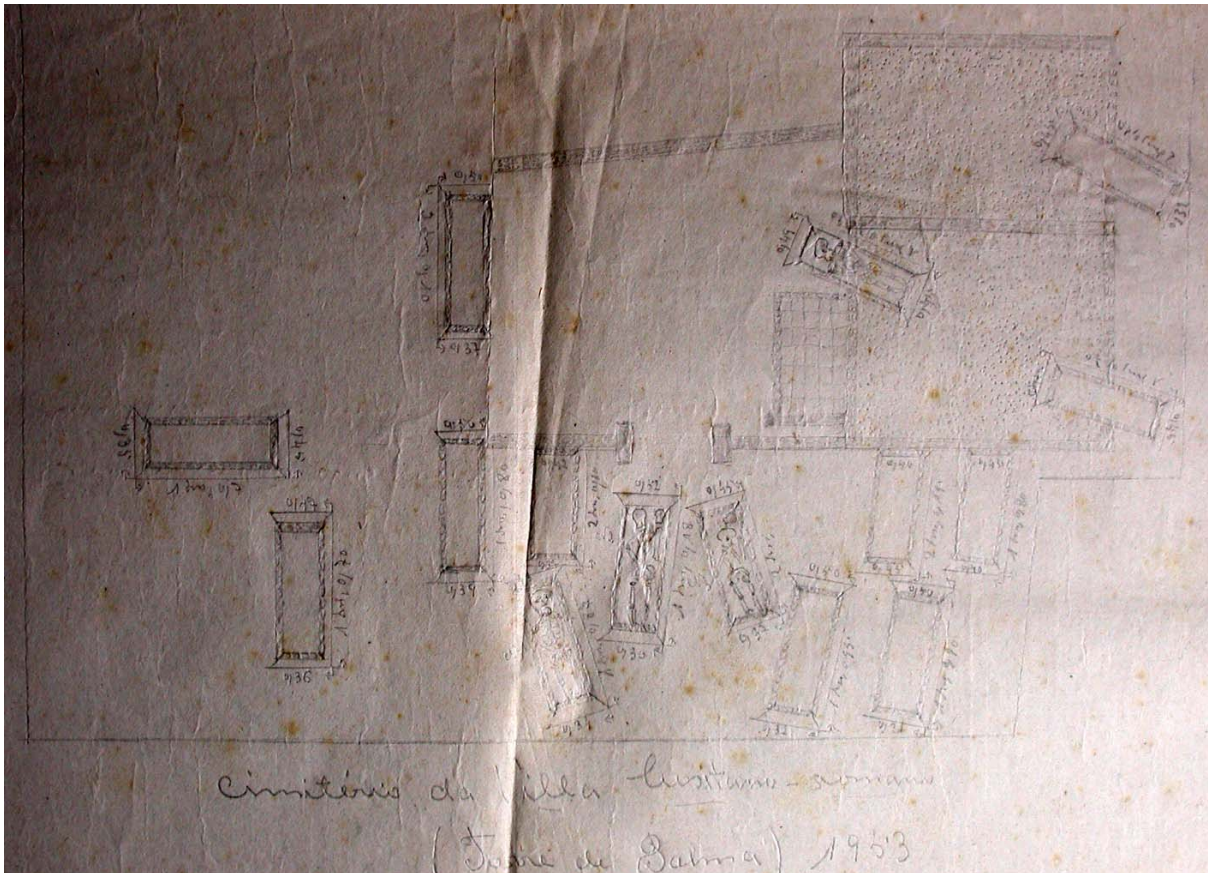


Figura 3 - Cemitério Sul em desenho de João Lino da Silva, guardado no Museu Nacional de Arqueologia (1953)



Figura 4 - Sítios romanos na freguesia de Vaiamonte (sobre Google Earth)



Figura 5 - A topografia funerária em Torre de Palma (sobre Google Earth)



Figura 6 - Relação espacial entre os sítios de Carrão e Chaminé (sobre Google Earth)

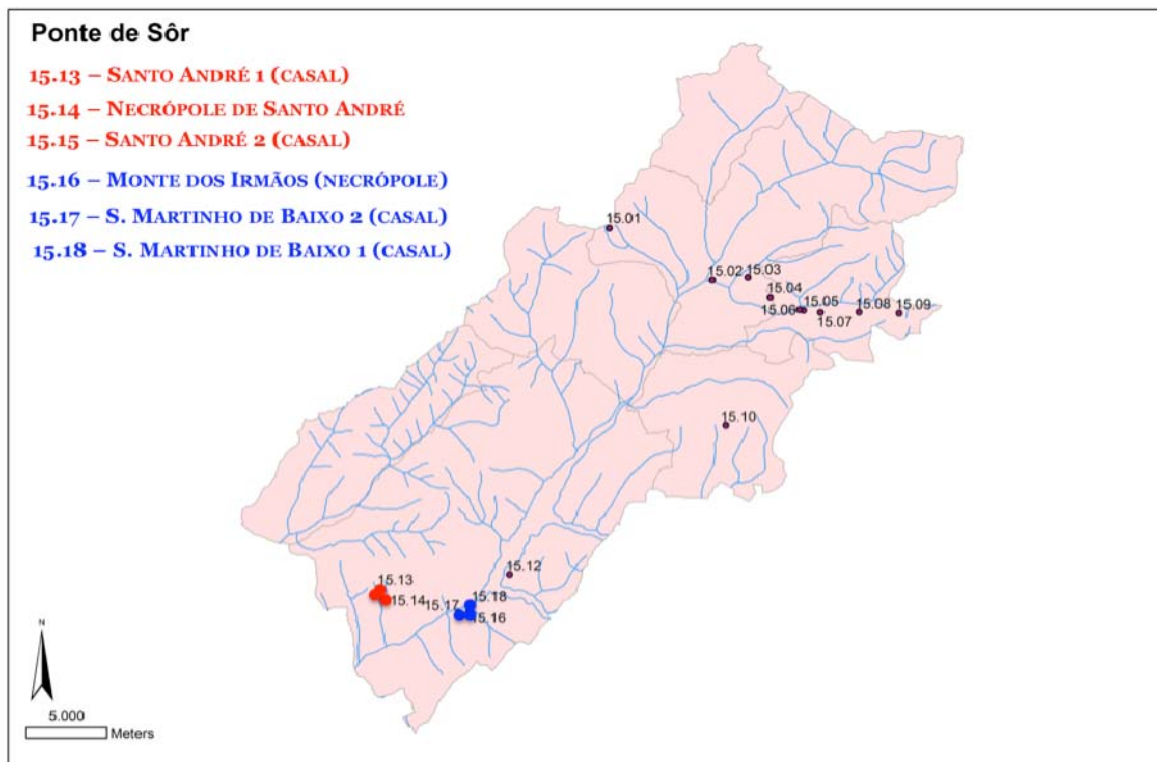


Figura 7 - relação espacial dos sítios em Ponte de Sôr referidos neste estudo (a partir de Carneiro, 2011: vol. II, p. 289)



Figura 8 - Relação espacial dos sítios em torno de Outeiro do Mouro (sobre Google Earth)



Figura 9 - Outeiro do Mouro (Fronteira): perspectiva geral do sítio e da area intervencionada.